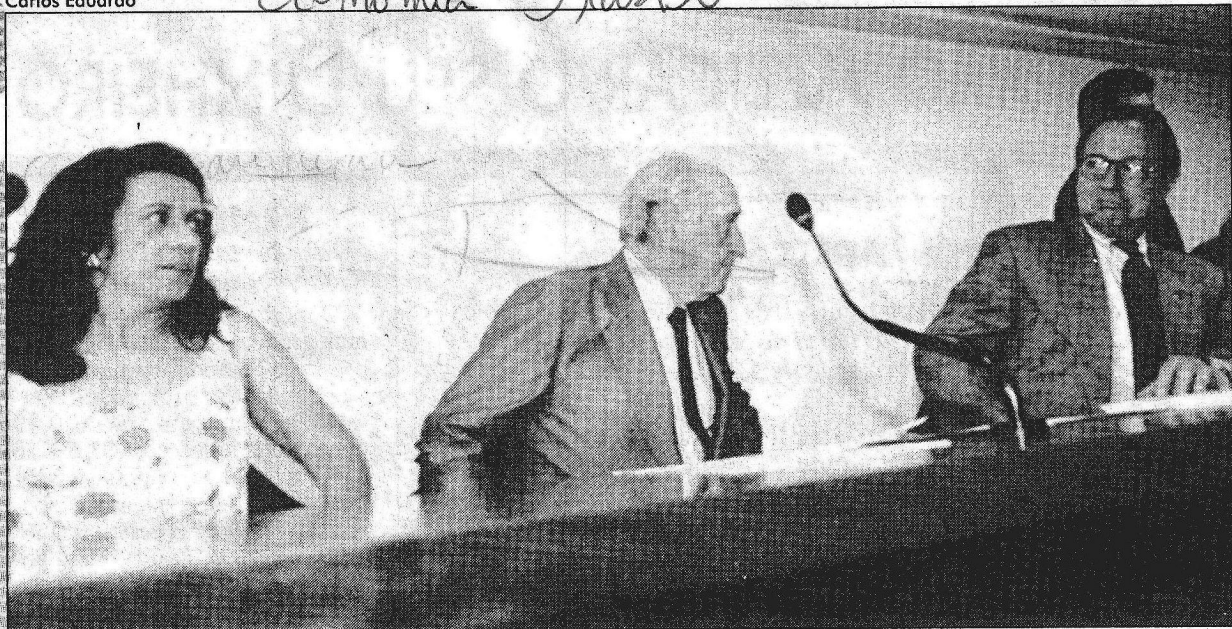


ECONOMIA

Carlos Eduardo

Economia - Brasil



Malan, ao lado de Montoro e Dorothea: "Deixamos para trás o mecanismo de corrigir o câmbio pela inflação passada"

Malan avisa a exportador que o câmbio não mudará

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que os exportadores não devem esperar uma "grande mexida no câmbio" como alternativa a solução dos problemas estruturais do setor.

Malan aproveitou os debates com parlamentares da Comissão de Comércio Exterior da Câmara dos Deputados para defender a política de abertura da economia brasileira e reforçar que o governo não muda a política cambial.

"Deixamos para trás o mecanismo de corrigir o câmbio pela inflação passada", insistiu.

"O câmbio não é o único instrumento. Fizemos isto anos e anos e estamos agora pagando o preço da falta de produtividade", acrescentou.

Processo — Ao lado da ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck, e do deputado Franco Montoro (PSDB-SP), Malan fez um discurso firme, dando o tom de que o processo de maior integração da economia brasileira à mundial "não terá volta".

Ele disse que o setor privado desfrutou no passado da garantia de proteção do mercado doméstico e não se preocupou em investir em produtividade e capacitação tecnológica.

"Existe uma idéia de que não é possível viver em um mercado protegido", comentou, estimulando os empresários a repensarem a estrutura de produção.

"Deve-se pensar em perder mercado quando não se está investindo em tecnologia e não apenas pensar em repassar aos consumidores erros de cálculo, ineficiência", disse.

Paróquias —

Ele reafirmou que não se pode mais imaginar atividades empresariais confinadas em "paróquias locais", mas reconheceu, no entanto, que o próprio setor público foi vítima da herança de "décadas e décadas de mercado protegido".

Durante os debates na Comissão,

Malan evitou falar especificamente de problemas econômicos, como acúmulo de reservas cambiais com base em "hot money" (capital externo especulativo), como tentou Thomáz Nonô (PMDB-AL).

Ele também aproveitou o fato da deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ) ter se ausentado do plenário da Comissão para não responder às indagações de que como o governo está pensando o ano de 1996 sem equacionar a questão do atraso cambial e das elevadas taxas de juros.

Ministro estava mal-humorado

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, perdeu a esportiva. No terceiro depoimento no Congresso em menos de uma semana, o ministro demonstrou toda a sua irritação com as constantes convocações dos parlamentares.

Contrastando com a simpatia da ministra, Dorothea Werneck, Malan deu um show de mau-humor, respondendo de forma ríspida às questões colocadas pelos deputados. Ao abrir o debate, Malan, em tom de ironia, mostrou logo seu desagrado.

Crítica — O primeiro a sentir as alfinetas de Malan foi o deputado Carlos Cardinal (PDT-RS), que criticou os juros altos, falta de uma política de incentivo ao produtor nacional e o sistema de consórcio.

"O ex-governador gaúcho Alberto Pasqualini dizia que o povo gosta das coisas simples, mas este governo complica tudo. Como explicar à população que, com deflação, os juros estejam na casa dos 10% ao mês?", indagou o parlamentar.

"O povo gosta é de comprar a cesta básica com preço menor que há 16 meses atrás. O povo gosta de comprar o quilo do frango a menos de R\$ 1. O povo não quer saber de consórcio, só a classe média. E, ao que eu saiba, o povão não está interessado nos juros altos", disparou Malan.

"A integração da economia brasileira à mundial não tem volta"

Pedro Malan
Ministro da Fazenda